

SÃO PAULO

Rio

Associação dos Remanescente de Quilombo do Bairro João Surá



Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

SÉRIE QUILOMBOLAS DO SUL DO BRASIL

2

Comunidade Quilombola de João Surá Paraná

Comunidade Quilombola de João Surá

Córrego da Forquilha

Guaracul

PARANÁ

ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO DO BAIRRO JOÃO SURÁ

Presidente: Antônio Carlos de Andrade Pereira
Vice-presidente: Anézio de Cristo Ramos
Secretário: Antônio Aparecido de Matos
Primeiro Tesoureiro: João Martins
Membros do Conselho Fiscal
Clarinda Andrade de Matos



A partir da esquerda
Dona Luiza de Andrade
Lima e Dona Joana
Andrade de Matos

Coordenação do PNCS e Núcleo Sul

Alfredo Wagner Berno de Almeida (PPGSA/UFMA,
FAPEAM – CNPQ)
Rosa Acevedo Marin (UNAMAZ – NAEA – UFPA)

PNCSA Sul

Roberto Martins de Souza
Antônio Michel Kiiller Meira
José Carlos Vandresen
Claudia I. S. dos Santos

Equipe de Pesquisa

Mariluz Marques Follmann
José Carlos Vandresen
Jefferson de Oliveira Salles
Lourival Fidelis

Apoio Técnico

Adriano Gonçalves Pereira
Maria Arlete Ferreira da Silva
Cassius Marcelus Cruz

Relação dos Participantes das Oficinas:

Sebastião de Andrade; João Martins de Andrade Pereira;
Adelaide de Andrade Pereira; Anézio de Cristo Ramos;
Maria Lúcia de Matos Andrade; Antônio Aparecido de
Matos; Vitôr Andrade de Matos; Edson Andrade de Matos;
Luciana Peniche de Matos; José Cordeiro de Matos;
Antônio de Freitas; Julita Cordeiro de Matos; Joana
Andrade Pereira; Paulino da Silva Rosa; Grazielle de
Andrade Matos; Reginaldo da Silva Rosa; Augusto César
de Cristo Ramos; Fernando de Andrade Pereira; Misael de
F de Matos; Junior de Cristo Ramos; Antônio Pereira de
Cristo; Tais Cristina Gonçalves de Cristo; Tatiane Aparecida
de Cristo; Joaquim de Matos; José Maria Mirande Pedroso;
Pedro Morato de Andrade; Gilson Souza dos Santos; João
Gonçalves de Matos; Olinda Forquin Peixe; Eva Maria de
Oliveira de Almeida; Andréia Aparecida de Matos; Joana
Pires de Miranda; Benedita Pereira de Freitas; Dolores
Pereira de Andrade; Clarinda Andrade de Matos; Antônio
Carlos de Andrade Pereira; Augusta Fogaça Cristo; Irani
Matos de Cristo Pereira; Francisco Morato Cardoso.

Projeto Nova Cartografia Social
dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil
Série Paraná

FASCÍCULO 02
Comunidade Quilombola de João Surá

Adrianópolis-Paraná, junho de 2009
ISBN 978-85-7401-454-8

Fotografias

Fernando de Andrade Pereira
Lourival Fidelis
José Carlos Vandresen
Jefferson de Oliveira Salles

Cartografia e mapa

Luis Augusto Pereira Lima
Letícia Cristina S. Wuensch
Projeto Gráfico e editoração

De onde viemos

“Antes de João Surá era Sertão do Rio Pardo. Porque Sertão do Rio Pardo? Quando os escravos..., aqueles que trabalhavam na garimpagem de ouro no Vale do Ribeira, eles foram subindo pra cá, e uns deles se refugiando, acompanhando, se escondendo pra cá. De Praia Grande pra cá, era onde os escravos se refugiavam, João Surá, esses lados pra cá. Fugiam dos senhores. Os senhores não tinham condições de buscar os escravos, por que a cachoeira era muito ruim de subir. Para eles virem de Xiririca aqui demorava 12 dias para vir e voltar:

Não tinha condições de entrar no mato, era muito ruim de andar, era muito morro. Eles não tinham condições de procurar, por que era sertão mesmo. Depois de passado um tempo... a história de João Surá o livro Tombo não conta. A gente sabe a história de João Surá aqui, no local.” Antônio Carlos de Andrade Pereira, 42 anos.

Onde estamos

“Hoje aqui temos quarenta famílias. Mas têm muitos dos nossos que estão fora. Espalhados por Curitiba, São Paulo, Sorocaba, etc. Estão fora da comunidade, em outros Estados.” Antônio Carlos de Andrade Pereira, 42 anos.

Nossa cultura e costumes

“As novena de Santo Antônio, São Gonçalo e Romaria. As rezas que tem dia certo pra fazer em uma comemoração de santos. E da reza da Santa Luzia que todo o ano eu faço e sempre é aqui em casa. E nas festas de Santo Antônio que termina dia 12 que é a festa dos homens levantarem o mastro pra a novena. Desde o dia 31 até o dia 12 que era a festa, e todo o ano é assim. E as Orações das Almas que a gente vai e canta aonde tem cruz até amanhecer o dia.” Joana de Andrade Pereira, 73 anos;

“Muitas pessoas, plantava no dia 25 de março e, felizmente, aquela árvore brotava. Mas daí a devoção deles continuava. Como a procissão do rio da Grota, lá era um celeiro grande. Todo o 13 de maio havia festa, onde o povo se reunia em volta da água para fazer oração, para rezar o terço. Ladainha em latim, cantada. [...] se reunia 10, 15, 20 pessoas e vinha trabalhar. Já aproveitava e dançava um baile a noite. O povo tinha que ser animado se não não fazia, e o povo era animado. Era serviço de roça, construção de igreja, varação de canoa, colheita de arroz.” José Cordeiro, 66 anos, mestre de São Gonçalo e mestre de canoa

Como nosso território foi diminuído

“Uns saíram, porque não queriam ficar: achavam que a terra era muito pouca. Ficar aí, fechado em uma terrinha de 58 ha. Porque às vezes em 58 ha não dava pra trabalhar em cinco ou seis alqueire, porque era descaído, mato. 58 ha era o perímetro da medição. Foi o INCRA que mediu. [...] Eles mediram, eles vieram medindo.... Pra mim ninguém perguntou nada. Eles que mediram



Chegada à sede da comunidade



Casa de morador



Fornalha de pão.



Sr Francisco Morato Cardoso (Comunidade Quilombola Praia do Peixe) e Sr Pedro Morato de Andrade (Comunidade Quilombola João Surá)



Reunião da comunidade

e entregaram. Sem perguntar. Daí que eu pedi que me dessem um lote. Nós pagava o imposto da posse. O primeiro fiscal que lembro aqui era o Valdir, depois o Orair. Eles trabalhavam meio juntos. Eles diziam que as pessoas tinham que sair, porque era o parque. [...] Eles proibiam as pessoas até de tirar um cipó no mato, uma árvore por precisão. Queriam multar. O certo era pegar e sair. Deixava tudo. Nem falavam em indenizar, monjolo, casa de farinha, plantas de frutas que tinha plantado. Não pagavam nada. Abandonava tudo.” Celso Raap de Cristo, 66 anos;

“O Orair, funcionário do antigo ITCF, andou pressionando os posseiros de dentro do parque: o velho Pascoal, compadre Sérgio, o meu irmão, o Rafael... andaram brigando, quase andaram se matando. Esse era de dá tiro no meio de nós [...]. Mas o pessoal posseiro, ele tomou quantas posse do povo, esse Orair. Dava uma que queria ser pistoleiro, valente. Ele judiou dos posseiro. Isto foi..., na época de 1978, 79. Ele ficou até..., base de 80, que foi a briga que eles quebraram o pé do Rafael.” Sebastião de Andrade, 74 anos;

“Nós tava tudo grande, trabalhando. Aí entrô o INCRA. O INCRA também deixou nós desabrigado de terra.” Benedita Pereira de Freitas, 85 anos.

O espaço que ocupamos

“Era tudo esse aqui, tudo isso aqui: desde que vinha da Praia do Peixe até as Andorinhas lá, era tudo nosso, do nosso povo. Meu pai trabalhava em redor na nossa casa, mas não tinha limite. Se ele pensasse em fazê uma roça lá no Ararivá, ele ia fazer, porque não tinha limite de terra, [...] era muita terra, era bastante, porque as terras iam até dentro do parque, era tudo nosso. Passava do parque. Dentro do parque tem muitas propriedades que eram das famílias, hoje já não é propriedade porque as pessoas já saíram de lá. Mas era aonde nosso povo ia. Nós nem tava preocupado com isso; porque se não entrasse esse movimento, nem nós estava aqui. Porque, espremido do jeito que a gente estava, sem solução pra nada. Ainda estamos, sem solução pra nada: pro lado dos políticos, aqui do município, quase não temos solução nenhuma. Não é aquela coisa que a gente pensava que ia dá certo pra gente.” Clarinda Andrade de Matos, 49 anos;

Os conflitos que enfrentamos



Fonte de água ameaçada pela plantação de pinus

“A gente viveu no passado tempo ruim. A gente viveu um lado da vida da gente trabalhando na terra de fazendeiro. Aonde a terra pertencia ao meu avô. Mas eles compraram a área. A gente viveu 16 anos em cima dessa área. Cuidou o gado pra ele um certo tempo. Pagava uma merreca que não valia a pena. Só que quando eu percebi que eu me dedicava no serviço dele. Um certo tempo, eu já fui trabalhando..., fazendo pra mim também. Plantando, já comecei a comprar criação pra mim e criar minhas criação junto com o dele. Chegou um determinado tempo que ele já não foi muito gostando do meu sistema. [...] ele fez uma proposta de fazer um tanque de peixe. Eu trabalhei dois anos neste tanque de peixe. E quando a gente..., quando tava tudo pronti-

nho pra colocar os peixe, ele morreu. Ficou o filho dele. E esse filho dele, nos dezesseis anos que a gente tava trabalhando em cima da área de terra, ele quis tirar a gente de sopetão. Sem..., de mão abanando mesmo. E eu falei que eu precisava..., que sair sem nada de cima da terra, não podia sair. Por que eu tinha investido meu trabalho. Eu, minha mulher, minha filha que carregamos pedra pra fazer a cabeceira daquele tanque. E a gente ajudando a cuidar da propriedade dele. A gente falou que ele tinha que ter piedade, dar um pouco de dinheiro pra..., pelo menos, pagar a mudança. Ele falou que não dava nada. Ainda, que a gente ainda tinha que pagar aluguel da casa, dos tempo que tava morando lá. Daí eu falei “Não rapaz. Já que você não vai pagar nada, então nós vamos pra justiça.” E ele disse: “Que justiça rapaz? Justiça nós tem. Justiça eu vou trazer de lá: advogado, delegado e coisa, pra nos ficar uns dia aí. Polícia. Você vai ter que saí daí.”. E eu disse: “Não rapaz. Justiça nós temo dentro de nosso município, que pode fazer justiça”. Daí ele foi embora muito preocupado. Com aquela roupa de polícia e uma mauser por baixo da roupa. Ele foi embora e começou a falar que ia colocar gente pra pescar atrás de minha casa, pra violentar minha família. Eu fiquei muito nervoso demais, porque..., era um sistema que a gente nunca tinha vivido, naquele tipo de conflito. [...] Por que 16 anos que eu trabalhava com ele, saí sem nada é triste. Naquela época, foi só mesmo pra fazer a mudança. Foi uma coisa que ficou marcada na vida da gente: a gente trabalhar pros outros e fazer tanto esforço pro pai dele, e não ter valor dele, não receber nada. A gente sente na pele que foi um tempo perdido que a gente teve. Era uma terra de meu avô, que meu avô vendeu e a gente ficou em cima, trabalhando.”

João Martins, 45 anos;

“Ameaça de..., até que ele ameaçou, só que ele pressionava o dono da terra pra vendê. Aonde ele dizia, que o gado saia, que ele não tinha como pagar o prejuízo, que a lei não permitia dele pagar, por que quem plantava lavoura tinha obrigação de cercar. E pouca terra não adiantava. Já fazia proposta de dá gado para criação as meia. Ficava fazendo proposta. Que nem minha irmã, um dia ele veio aí, pedindo documento de terra. Quando ela descuidou, ele tava lá no quarto. Ela acha que ele até pegou um mapa do terreno e levou. Porque ela se apurou com ele. Então tudo isso foi pressão que ele fez. Que ele ia comprar, a proposta. Daí ela disse que não vendia, e ele perguntou do documento e ela foi pegar não sei o quê no quarto e quando viu, ele tava no quarto, junto com ela. Daí ela mandou ele saí. Ela tava sozinha.” Sebastião de Andrade, 74 anos;

“O funcionário do ITCF que ganhava pra desativar os posseiros. Quando eles conseguiam pegar o documento dos posseiros diziam que já estavam formando o parque. Já não queriam mais os posseiros ali dentro, e queria o documento daquele povo que pagava tudo ano. Recolhia e já proibia, se teimasse ele vinha e queimava o rancho, e muitas vezes até ameaçar com armamento o pessoal pra sair da área, [...] Chegaram outras vezes ameaçando meu tio ali. Mas ele não arredou o pé, mas ele se aborreceu, pois todo roçado que ele fazia eles não deixavam queimar. Passaram a perseguir ele. Isso foi entre 1977 e 1980 mais ou menos. Ele agüentou mais ou menos uns dois anos, daí vendeu. [...] Esse Orair morou um pouco lá no Córrego do Franco, no São João. Lá em São João e Córrego do Franco que ele andou ameaçando mais pessoas. É a mesma história daqui, tudo que sofremos aqui eles sofreram lá também, do meu sogro tiraram um bote que eles passavam lá.” João Martins 45 anos, agricultor ecológico, artesão, gaieteiro e escultor.

“Nossa terra está fraca de mais. Bem pra cima aí tem terra boa. Nossa terra está muito fraca. A água está diminuindo. Diminuiu muito nosso volume de água em vista do que era. Diminuiu muito. Eu acho que é muita desmatção. Eu acho e sei: muita desmatção, você olha em cima destes morros... mais antes tempo existia mato em tudo estes morros. Queimava algumas vezes, mas queimava poquinho coisa. Não era tão queimado. Existia mata. Existia água nestas quebradas aí. [...] Eu acho que é através dos fazendeiro, que queima as cabeceiras, tudo. Além disso, agora joga mais veneno. Vai acabando mais ainda. O quilombola não estraga, porque

Comunidade Quilombola de João Surá

Paraná

Localização



LEGENDA

- Casa de Farinha
- Engenho de cana
- Monjolo
- Alambique
- Artesanato em argila e madeira (escultor)
- Agricultura: Feijão, milho, mandioca, cana, café, mamão, banana, goiaba.
- Agricultura: palmito, jaboticaba, laranja, goiaba, abacate
- Área loteada pelo INCRA
- Barra do Rio Pardo
- Cabeceira do Córrego Seco
- Cachoeira de João Surá
- Casa de moradores
- Cemitério
- Mestre de São Gonçalo
- Rolado do Baitaca
- Roubo de implementos comunitários
- Estrada da Serra
- Estrada com difícil acesso
- Cruz do Rubino
- Cruzeiro
- Dematamento de margem de lagoa por pinus
- Desmatamento de nascente (por pinus)
- Desmatamento de nascente por pecuarista
- Escola Municipal Abandonada
- Igreja Guaracuí
- Igreja Velha
- Gado de fazendeiro destrói roçado
- Porto Fluvial (ativo)
- Porto Fluvial (inativo)
- Marco 100 Divisa do parque
- Terreno do IAP abandonado, usado por pecuarista
- Morro Poço Grande Vira Rio

Convenções cartográficas

- Hidrografia
- Rodovias
- Estradas vicinais
- Município de Adrianópolis-PR
- Limite estadual

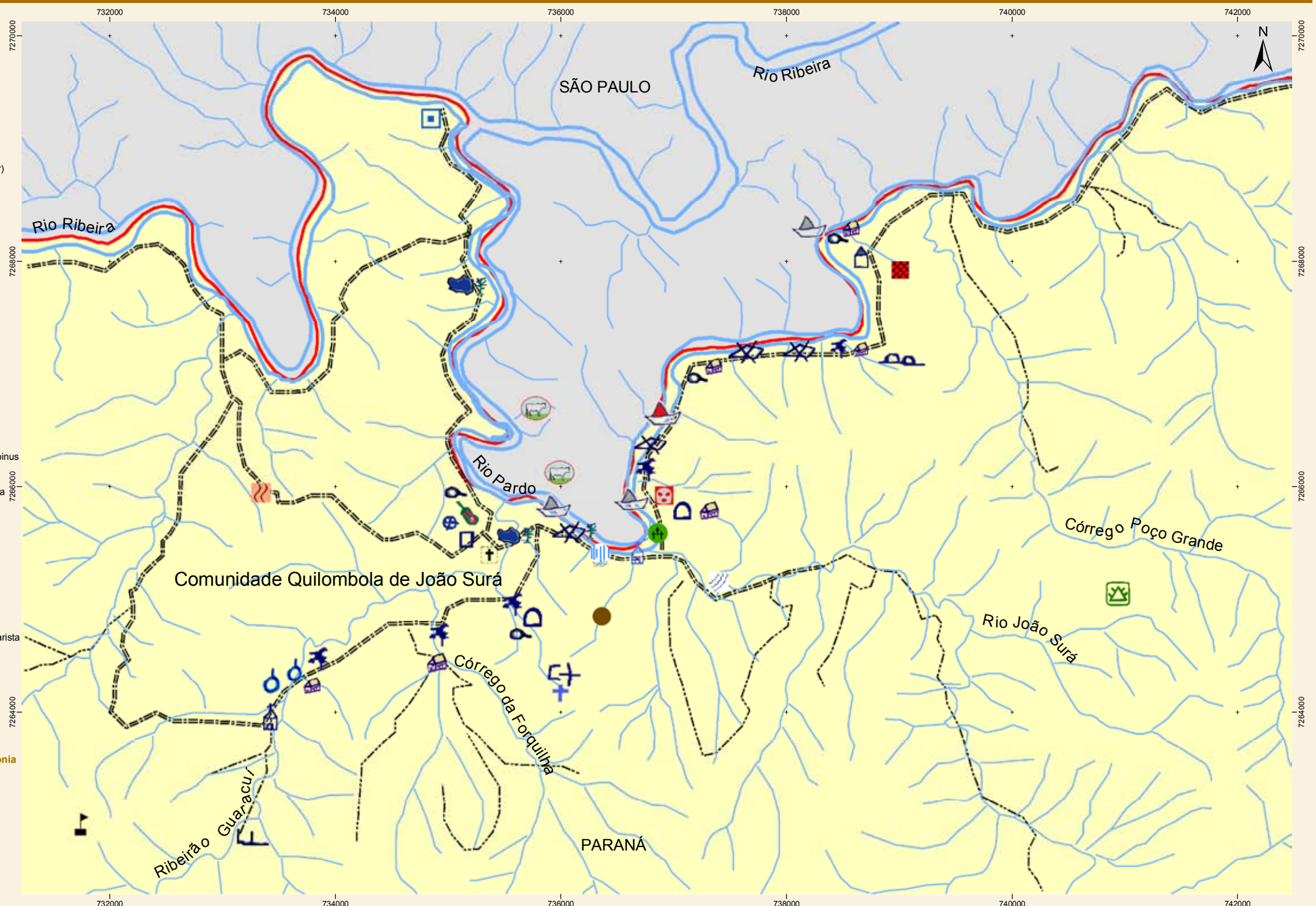
Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia Mapa Situacional - Novembro - 2008

FONTES
- ITCG - 2008
- Grupos Clóvis Moura - 2008
- IBGE - 2007 - Mapa Municipal Estatístico
- Croquis Comunidade Quilombola de João Surá

Cartografia e mapa:
Instituto de Terras, Cartografia e Geociências - ITCG - 2008
Leticia Cristina S. Wuensch
Luis Augusto Pereira Lima - UEA/PNCSA

Sistema de Projeção UTM-Meridiano Central: 51° W
Datum Horizontal: SAD 69

Escala 1:40.000





Péssimas condições de estrada e meios de transporte



Lagoas onde existiam peixes e até jacarés desaparecendo devido plantação irregular de pinus.



Lagoa já seca devido plantação de pinus nas margens



Posto de saúde da comunidade João Surá

faz uma roça, que ele queima, é negócio de meio alqueire de roça, um alqueire, e passa uma semana, duas só fazendo acero. Queima só aquele quadrinho. Ele, por causa de um alqueire, queima vinte, ou mais. Não se preocupa.” **Sebastião de Andrade, 74 anos;**

“Porque, principalmente, tem uma fazenda aqui. Tem todos estes riachos, grotas..., tem um gado lá em cima. Eles sujam lá em cima, com uma chuva destas, essa sujeira vem tudo pro rio. Vai sujar nossa água, o rio, que é onde tem os peixes para alimento. Este pinus [quando passam veneno] fica tudo seco por baixo. Muita gente foi no rio para tarrafiar, aonde passava água, vinha com coceira na perna. [...] Com um capãozinho de pinus vai prejudica nossa água, porque a bacia lá embaixo vai diminuindo. [...] As pessoas vão desanimando, chega ao ponto final das pessoas.” **José Cordeiro, 66 anos.**

“Esta faixa de terra que a comunidade vivia. Antes das terras serem invadidas. Uns trinta anos atrás, com tudo que as estradas eram ruins, aqui saiam caminhões carregados de feijão, porco, um monte de coisas. E nos últimos anos..., com a deixada..., que houve invasão dos fazendeiros. Eu digo invasão, porque comprava as terras barata com os problemas... da prefeitura ter abandonado nossas estradas. Ter deixado nossa situação precária aqui. E isto tem que ser registrado de qualquer forma, porque foi um abandono que fizeram com..., afinal de contas, não só com nós, com todas as comunidades. E nós sofremos com nossas condições de abandono. O que aconteceu? As terras foi automaticamente..., não automaticamente.... Quer dizer, houve uma estratégia de entrada de fazendeiro. Que eles compravam uma terra vizinha e soltavam o gado nas plantações da terra do proprietário vizinho [quilombola]. E no qual os proprietários não tinham mais condições de manter suas plantações.” **Antônio Pereira, 42 anos;**

“Topo de morro eles não tão respeitando, porque vê que eles tão plantando no topo de morro. Cabeceira de água eles diz que tão respeitando, mas arroteie por cima tudo, em volta, toca uma cabeceira aqui. Que nem tem ali: eles plantam pinus em volta tudo. O que que adianta? Quando a enxurrada cai lá a água, está tudo contaminada. Que aqui, nem neles ali, você vê a água deles está tudo contaminada. Que os morro por cima tão tudo plantado. Eles largam o veneno lá, quando dá chuva, enxurrada, vem tudo na quebrada. O que que adianta eles dizer que estão preservando a água. Eles não tão nada, eles não respeitam. Eu acho que não! Se ele deixasse o topo de morro, eu concordo até. Mas não. A cabeceira está, por exemplo de meu pai, já esta aqui, eles plantam em volta e deixam este matinho só aqui e rodeiam tudo de pinus. Não, isto daí está errado, na minha opinião.” **Sebastião de Andrade, 74 anos.**

“Preconceito a gente tem, assim por causa..., sabe a saúde. Vou começar pela própria saúde. Se vê os jovens hoje, todos querem ter um sorriso bonito, os jovens pra ir no dentista hoje, tem todo tipo de dificuldade. Não tem um dentista pra cuidar de nossos filhos, e também a parte de saúde mesmo. Acho que podiam cuidar mais bem da gente. [...] Mas por parte de governo e prefeitura tem muita coisa pra mudar ainda. E eu acho que até de desesperar: os jovens não tão confiando, tão querendo sair. Tão saindo, porque saiu um monte esse mês. Que se for contar os jovens que saíram esse mês.... Tão saindo desacomodados, sem rumo! Pra começa minha filha mesma que saiu. Porque se ela tivesse numa situação boa, ela não tinha saído.[...] as crianças passavam mês, dois meses sem ir pra escola. O pior é quando chegava o final do ano eles passavam as crianças mesma coisa sem saber nada: Davam um trabalhinho pras crianças fazer no final do ano, vinha uns professores aqui no final e davam um trabalhinho e as crianças passavam de ano sem saber nada. E de fato a minha sobrinha que foi pra Curitiba, chego lá coitadinha, e ela foi humilhada na escola, achando que não sabia nada. Menina do mato, ela foi discriminada por causa do estudo que foi fraco demais aqui. Hoje que ela está pegando fé na escola, hoje ela está mais tranqüila. Meu menino também, saiu da escola daqui e foi pra lá... fizeram uma bateria de exame na cabeça dele pensando que era problema. No fim não tinha problema nenhum: era falta de estudo, não teve estudo.” **Clarinda Andrade de Matos, 49 anos;**

Importância da cartografia social para nossa comunidade

“Então eu acho assim, nasceu um mapa ai que diz que João Surá tem que estar no meio, só que eu não tinha notado isso, mas uma cunhada minha notou, que no nosso mapa aqui do João Surá, só tinha uma panela, não tinha casa, não tinha Igreja, não tinha nada mesmo, não tinha gente, não tinha nada, no João Surá; e as coisas não é assim não, porque João Surá surgiu muito antes que Adrianópolis, antes que muitos lugares por ai. [...] então eu acho, como que João Surá não está nesse mapa, como que não pode ter ninguém nesse mapa? Falaram que a nossa Igreja de Santo Antonio já aqui a mais de duzentos anos, como que não podia ter a Igreja nossa? Tinha as Igrejas de todas as comunidades tinha Igreja, só a nossa, só a nossa Igreja que não tava no mapa, aonde que estava a nossa Igreja? É muita ignorância com nós e esse já uma discriminação com nós mesmo, acho que é um preconceito com nós, porque, como que nós não tava nesse mapa? Tinha lá Tunas, Itaperuçu, Vila Mota, toda parte tinha uma igreja, João Surá não tinha igreja, disseram que tinha uma “panela fervendo”, minha cunhada que reclama por causa disso, ela disse “olha comadre, tem um mapa em que coitado do nosso João Surá, não tem nada no João Surá”. E aqui no João Surá tem bastante conquista, e não é de hoje não essa conquista. Eu falo e garanto, e não tenho medo de falar que o nosso João Surá tem muita conquista, muita luta. Então a cartografia é bom pra nós pode mostrar, a nossa realidade, a nossa vida, se não fosse à cartografia nós não ia poder mostrar, a nossa realidade daqui e dos antigos, principalmente dos antigos que falavam que não existia, e existia muito mais do que agora, porque agora foi diminuindo, por causa desse negócio das terras, em que prefeito e fazendeiro se unem pra tentar derrubar nós.” **Clarinda Andrade de Matos 49 anos.**



Apresentação dos croquis montados



Apresentação dos croquis e legendas

Nossas conquistas durante esses anos

- Ponte sobre o ribeirão João Surá
- Retorno do funcionamento da Balsa nas Andorinhas
- Casa do IAP repassada sob comodato para uso da comunidade
- Telecentro com internet
- Biblioteca Arca das Letras
- O projeto Compra Direta
- A criação e registro da Associação Comunitária de João Surá
- O Relatório Técnico Antropológico
- Cursos de artesanato
- Participação dos universitários na comunidade
- Inserção na Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais
- Participação de professores e integrantes da comunidade na formação continuada de professores
- Envolvimento com movimentos sociais
- A auto-cartografia social
- O apoio do ITCG
- A comemoração dos 200 anos de existência da comunidade
- Valorização da cultura tradicional
- Construção da escola provisória de ensino fundamental e médio em João Surá com nome Diogo Ramos, ancestral da comunidade.



Escola conquistada pela comunidade

Nossas reivindicações

- A demarcação do território quilombola;
- Estrada de boa qualidade;
- Curso de formação de guias turísticos;
- Acesso a lazer e esportes;
- Construção de um novo campo de futebol e quadra coberta próximo a escola;
- Assistência técnica para atividades agrícolas;
- Construção da escola definitiva de ensino fundamental e médio em João Surá com nome Diogo Ramos, ancestral da comunidade;
- Meios de transporte para o atendimento fora da comunidade quando necessário;
- Estrutura para agro-indústria;
- Na área de saúde: atendimento dentário, médico na comunidade. Atendimento especial para portadores de necessidades especiais e idosos;
- Concessão pela prefeitura de escola abandonada de Poço Grande para uso da comunidade (para realização de reuniões e instalação de agro-indústria)
- Terreno do IAP atualmente utilizado por pecuarista para uso coletivo da comunidade;
- Não ao monocultivo de qualquer espécie;
- Preservação permanente da mata ciliar;
- Reflorestamento da mata nativa;
- Viveiro de mudas nativas;
- Preservação e conservação das nascentes;



Condições de transporte colocam em risco segurança de moradores

- Participação da comunidade no plano de manejo do Parque das Lauráceas;
- Linha de ônibus João Surá-Adrianópolis e Adrianópolis-João Surá;
- Orelhão (telefone público);
- Reforma do cemitério de João Surá;
- Apoio à segurança pública;
- Cozinha comunitária;
- Luta contra construção de barragens no rio Ribeira;
- Construção de casas previstas pela COHAPAR em áreas escolhidas pela comunidade;



Grupo participante da oficina em 29/04/08

Da esquerda para direita em pé:

José Cordeiro de Matos (de óculos e camisa azul); Antonio de Freitas; Julita Cordeiro de Matos; Joana Andrade Pereira; Paulino da Silva Rosa; Grazielle de Andrade Matos; Reginaldo da Silva Rosa; Augusto César de Cristo Ramos; Fernando de Andrade Pereira; Misael de F de Matos; Junior de Cristo Ramos; Antonio Pereira de Cristo; Tais Cristina Gonçalves de Cristo; Tatiane Aparecida de Cristo; Francisco Morato Cardoso; Joaquim de Matos; José Maria Mirande Pedroso; Pedro Morato de Andrade; Gilson Souza dos Santos; João Gonçalves de Matos; Olinda Forquin Peniche; Eva Maria de Oliveira de Almeida; Andréia Aparecida de Matos; Joana Pires de Miranda.

Da esquerda para direita agachados:

Sebastião de Andrade (senhor de chapéu com folha branca na mão); João Martins de Andrade Pereira; Adelaide de Andrade Pereira; Anézio de Cristo Ramos; Maria Lúcia de Matos Andrade; Antonio Aparecido de Matos; Vitôr Andrade de Matos; Edson Andrade de Matos; Luciana Peniche de Matos; Lourival Fidelis (deitado);

CONTATO

Associação Comunidade

Quilombola João Surá

telefone Nilton 15. 9782-7390

quilombolojoaosura@yahoo.com.br

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

SÉRIE QUILOMBOLAS DO SUL DO BRASIL

- 1 Comunidade Quilombola Invernada
Paioi de Telha Fundão**
- 2 Comunidade Quilombola
João Surá**
- 3 Comunidades Quilombolas: Adelaide
Maria Trindade, Casturina e Tobias**

REALIZAÇÃO

Associação dos Remanescentes de Quilombo do Bairro João Surá

APOIO

PPGDA-UEA

PPGSCA- UFAM

